



EXPERIENCIAS
experiences

UMA MEDIADORA ESCOLAR E MÚLTIPLAS ADAPTAÇÕES NA PROPOSIÇÃO DE UMA EDUCAÇÃO INCLUSIVA

Priscilla dos Santos Moreira¹

RESUMO EM LIBRAS



RESUMO

A instituição escola, quando foi criada após a Revolução Industrial, tinha o propósito de ensinar a um estudante ideal. Diante da proposta da educação inclusiva, ela agora precisa se reinventar. O presente trabalho, desenvolvido no período letivo de 2016, no Setor de Ensino Fundamental do Primeiro Segmento do Colégio de Aplicação do Instituto Nacional de Educação de Surdos (SEF 1/CAP/INES), narra a experiência de uma professora mediadora que atuou no processo de inclusão de um jovem há anos afastado da escola, inserido em uma turma do 3º ano do Ensino Fundamental. A função de *mediador escolar* específico para a inclusão surgiu na escola regular particular, que percebeu a necessidade de um profissional que intercedesse de forma a tornar possível o vínculo entre o aluno com necessidades educacionais

¹ Pedagoga pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), em 2008; pós-graduada em 2014, *lato sensu* no Departamento de Ensino Superior do Instituto Nacional de Educação de Surdos (DESU/INES); professora no INES desde 2010. E-mail: pedagoga_priscilla@yahoo.com.br.

especiais e os demais colegas, os professores e o ambiente escolar. O termo *mediador escolar* de alunos com necessidades educacionais especiais ainda não aparece na legislação, o que dificulta a criação de editais para concurso público e a definição do seu trabalho. A atuação desse profissional caminha sem referências, uma vez que, apesar de haver alguns cursos de extensão, ainda não existe uma formação estabelecida. Sua ação acaba dependendo da definição que cada escola lhe atribui. Assim, pode-se dizer que a formação em serviço é indispensável.

Dessa maneira, os objetivos deste artigo são divulgar uma possível atuação do mediador escolar e compartilhar as adaptações realizadas para esse estudante. Neste relato, busca-se evidenciar a necessidade de adaptação de todos os integrantes desse processo: dos professores regentes, da mediadora escolar, dos colegas de turma, do aluno incluído, da responsável pelo aluno e dos demais funcionários da escola. O limite entre os papéis de professor regente e *mediador escolar* é tênue, e precisa ficar claro para ambos quais são suas responsabilidades perante aquele aluno incluído. Acordos entre os profissionais são inevitáveis e particulares. Cada professor tem um jeito de trabalhar e o mesmo acontece com o mediador escolar. O ideal é que o planejamento diário seja feito em conjunto. O artigo traz um depoimento do primeiro ano do processo de inclusão no setor e o relato de como é desafiante iniciar algo inovador.

Palavras-chave: mediador escolar, educação inclusiva, adaptações.

MEDIADOR ESCOLAR

O mediador escolar destinado à inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais surgiu na escola regular particular, que percebeu a necessidade de um profissional que integrasse o aluno que precisa ser incluído junto aos demais colegas, os professores e outros do ambiente escolar.

Em São Paulo, o termo *mediador escolar* é utilizado desde 2010 em outro contexto. As atribuições do professor mediador

escolar e comunitário do Sistema de Proteção Escolar são prevenção, mediação e resolução de conflitos no ambiente escolar. Por isso, é preciso ter cuidado ao citar o termo.

Mediador escolar é utilizado em algumas bibliografias da área da educação inclusiva, mas existem outros termos semelhantes: *facilitador escolar*, *professor de apoio* e *agente de inclusão*. Prefiro a expressão *mediador pedagógico*. Irei utilizar o termo *professora mediadora* por ser a nomenclatura empregada no INES.

O termo *mediador escolar*, ou semelhante específico para a inclusão, ainda não aparece na legislação, o que dificulta a definição do seu trabalho. Para o advogado Caio Souza, o mediador está contemplado na Lei Brasileira de Inclusão (Lei nº 13.146/15), no item XIII, capítulo I, artigo 3º:

profissional de apoio escolar: pessoa que exerce atividades de alimentação, higiene e locomoção do estudante com deficiência e atua em todas as atividades escolares nas quais se fizer necessária, em todos os níveis e modalidades de ensino, em instituições públicas e privadas, excluídas as técnicas ou os procedimentos identificados com profissões legalmente estabelecidas. (BRASIL, 2015)

Entretanto, essa definição não parece clara, pois se o profissional não pode exercer nenhuma das práticas do ofício de professores, fonoaudiólogos, fisioterapeutas, psicólogos, terapeutas ocupacionais, entre outros, que profissional é esse? Como ele atua dentro do aprendizado formal?

A atuação do mediador escolar caminha sem referências, uma vez que, apesar de alguns cursos de extensão, ainda não existe uma formação padrão. Por isso, a formação em serviço é indispensável.

No INES, tem aumentado progressivamente a procura de estudantes com diferentes necessidades especiais, e os professores regentes têm relatado nos conselhos de classe que o colégio precisa se organizar para recebê-los. Dependendo do aluno incluído, um professor regente não é capaz de atender completamente a essas necessidades e surge a indispensável atuação do *professor mediador*. O Departamento de Educação Básica do INES apresentou proposta para o MEC e conseguiu seis vagas para contratação. Assim, em 2016, os setores de Educação Infantil (SEDIN) e

Primeiro Segmento da Educação Fundamental (SEF1) iniciaram o ano letivo com novos personagens, os professores mediadores. Professora regente, solicitei mudança para essa nova função, pois já havia atuado dessa maneira em outra instituição e me identifiquei com o trabalho.

A rotina de trabalho da mediadora no SEF1 consistia em acompanhar o aluno incluído do momento da entrada até o horário de sua saída. O aluno que mediei participava de todas as disciplinas (Libras, Língua Portuguesa, Matemática, Ciências, História, Geografia, Artes e Educação Física) da turma do 3º ano. Então, além da minha atuação em sala de aula, também intervinha no horário do almoço e do recreio. Por ter idade avançada (16 anos), ele não foi inserido no 1º ano do SEF 1, onde ele tinha parado, mas no 3º ano, a fim de tentar acompanhar a faixa etária da turma. Isso exigiu grandes adaptações no conteúdo dos seus exercícios. Dentro da sala de aula, me posicionava sentada próxima do aluno incluído. Ele precisou aprender a alternar o foco de atenção ora no professor regente, ora na mediadora.

O primeiro passo do trabalho foi criar vínculo e confiança com o aluno. Observar seus interesses, suas habilidades e suas dificuldades. A partir daí, debater e refletir com o professor regente quais conteúdos programados para aquele bimestre são possíveis de serem alcançados pelo aluno incluído.

OBSERVAÇÕES INICIAIS

O aluno mediado iniciou o ano letivo sem dialogar com colegas e professores, porém respondia com a cabeça que sim ou que não, fazia sinal POSITIVO² ou o sinal e o primeiro nome, quando o outro iniciava o contato.

O estudante não tinha um diagnóstico conclusivo, mas fazia uso de medicamento e era acompanhado por psiquiatra. Além da timidez, apresentava dificuldade de comunicação e interação, também por usar pouco vocabulário em Língua de Sinais. Tinha comportamento pacífico e disposto a realizar as atividades.

² Neste artigo será utilizada a forma de caixa alta para fazer referência às palavras sinalizadas em Língua Brasileira de Sinais.

A turma o recebeu bem. De vez em quando, um colega se dispunha a explicar algo. Porém, nos horários livres (almoço e recreio) não se aproximavam. Eu já havia presenciado a turma zombando de outro estudante. Talvez a presença da mediadora tenha inibido esse tipo de comportamento com relação ao aluno incluído.

No pátio e no refeitório, o estudante costumava não procurar companhia e, mesmo que sentasse próximo, não encarava os colegas nem interagía com eles. Tinha o costume de olhar para o chão em vez de observar as pessoas conversando em Libras ou brincando. Em consequência desses comportamentos, foi fundamental a presença de uma mediadora para intervir e incentivá-lo a expressar sua vontade e interagir com colegas e funcionários. As mediações foram indispensáveis para seu desenvolvimento global.

Ele apresentava pouca iniciativa até em atividades de rotina. Por exemplo, pegar o casaco na mochila, já que está sentindo frio. Esse foi outro ponto que a mediadora trabalhou. Em um dia de palestra no INES sobre o tema “Dengue”, o aluno apresentou um comportamento interessante: ele observou estudantes indo na frente na hora das perguntas e tomou a iniciativa de ir também. Não entendeu que o esperado era ele fazer uma pergunta ao palestrante, mas valeu sua participação espontânea.

O rapaz não manifestava espontaneamente hábitos e atitudes próprias do convívio social como cumprimentar, agradecer, despedir-se, pedir licença etc.

BUSCANDO FORMAÇÃO

Participei do curso de extensão da PUC “Mediação e inclusão: possibilidades de inserção na escola”, de março a junho de 2016. Minha intenção era refletir sobre o currículo e pensar em como adaptar atividades para o aluno em situação de inclusão. Assim, partindo dos objetivos da turma, seria necessário elaborar as apostas para o aluno mediado.

A partir dos conteúdos programáticos do 3º ano, tive de estruturar o que seria excluído por não ser possível de ensinar naquele momento e delimitar um conteúdo para o aluno mediado que eu acreditava ser realizável nas quatro disciplinas.

Na disciplina de Língua Portuguesa, as apostas foram:

- Relacionar os sinais EU, ELE, ELA, ELES e ELAS às palavras.
- Reconhecer a palavra EU e se identificar.
- Perceber que os sinais BONITO, FEIO, LIMPO, SUJO, ALEGRE e TRISTE podem caracterizar pessoa, animal, objetos ou ambientes.
- Perceber que o artigo (O e A) deve combinar com o substantivo.
- Em Matemática, as apostas foram:
 - Leitura de numerais por extenso de 0 a 5.
 - Representar centenas, dezenas e unidades com material dourado.
 - Decomposição do numeral utilizando o material dourado.
 - Adições de unidades.
 - Identificar o dia do mês no calendário com pistas visuais e organizar os dias da semana.

Em História/Geografia, a aposta foi: identificar a diferença entre paisagem natural e paisagem modificada. E em Ciências, a aposta foi separar visualmente ser vivo de elemento não vivo.

Essas apostas se referem ao 2º bimestre, mas tiveram prazo estendido até o final do ano.

Outro ponto trabalhado no curso foi reconhecer o que o aluno em situação de inclusão poderia fazer com autonomia, pois geralmente o foco é sempre na dificuldade. Dessa forma, é possível mencionar os seguintes êxitos do estudante:

- Escreve o primeiro nome, copia quando está em letra caixa alta e escreve todas as letras na caixa alta.
- Sabe relacionar a configuração de mão (a letra ou o numeral indicado em Libras).
- Faz a datilologia.
- Sabe seu sinal.
- Faz contagem até 15 e organiza os numerais de 0 a 10.
- Desenha a figura humana.

- Consegue colorir respeitando os limites.
- Recorta perfeitamente.
- Alimenta-se, escova os dentes, utiliza o banheiro e cuida dos próprios pertences.
- Permanece sentado durante a aula.
- Consegue manter o olhar na professora ou na mediadora.
- Sabe que a mediadora o acompanhará da entrada até a saída.

O INES também incentivou e custeou a participação das professoras mediadoras em seminários sobre a temática.

INTERVENÇÕES DA PROFESSORA MEDIADORA

Quando a professora regente expunha um conteúdo em Libras ou dialogava com a turma, o aluno mediado devia prestar atenção na regente; quando a regente passava um exercício que o estudante não tinha condição de responder nem com ajuda, a mediadora adaptava-o ou utilizava aquele período para trabalhar alguma aposta específica.

Nessa função, precisei orientar diferentes atores além do próprio aluno: a mãe do estudante, os professores regentes, os colegas da turma e demais funcionários. Como eu tinha um encontro diário com a mãe, a orientava e incentivava que o estudante comunicasse a ela algo significativo que tivesse ocorrido na aula. Isso foi importante para estabelecer o diálogo entre eles, demandar que ele lembrasse o que foi mais relevante e se expressasse em Libras, mesmo a mãe conhecendo poucos sinais da Libras.

Insisti com a mãe para que ela levasse o filho às atividades extraclasse, como o evento do Dia das Crianças. Alguns responsáveis pensam que por não ter aula dentro da sala, não vale a pena participar de datas festivas. Esses eventos são importantes principalmente para alunos incluídos, pois estimulam a interação com diferentes pessoas, conhecidas e desconhecidas.

No horário do almoço, incentivei o aluno mediado a sentar-se próximo dos colegas e a interagir com o que acontecia ao seu redor. Aproveitava para verificar se ele conhecia os sinais dos alimentos e das bebidas consumidas. Quando não, eu ensinava, e no

dia seguinte percebia se ele tinha aprendido ou não o vocabulário. No recreio, estimulava sua interação com os outros alunos e a observação do que faziam ou conversavam, pois ele tinha a tendência de manter o olhar voltado para o chão. Nesses períodos sem aula, também incentivava que ele se comunicasse com os funcionários, trabalhando o cumprimento, o pedir, o agradecer e o responder.

No final daquele ano, o jovem demonstrou interesse em observar os colegas conversando em Libras e brincando, o que foi muito importante para seu crescimento social, linguístico e cognitivo, embora ainda a presença da mediadora fosse necessária para incentivá-lo a expressar sua vontade e interagir com colegas e funcionários.

Outra área trabalhada foi a orientação espaço-temporal por meio da rotina da turma, do calendário, da identificação do espaço de cada atividade etc. Às vezes eu precisava intervir para que ele mantivesse a atenção no professor ou acompanhasse quando o colega estava contribuindo com a aula.

No uso do caderno, o jovem também precisou de orientações. Considerando a quantidade de disciplinas, ele tinha dúvida em qual caderno copiar e em que página. Além de não estar acostumado com o quadro dividido e mesmo a copiar do quadro, não sabia se era permitido continuar na mesma linha entre outras convenções que os demais já conheciam. Lembrando que ele só reconhecia a letra em caixa alta.

As orientações que a mediadora fornecia aos professores, colegas da turma e funcionários eram sobre as necessidades educacionais especiais do aluno e que demandavam modificação no planejamento da turma. No primeiro bimestre, os profissionais envolvidos na educação do aluno incluído decidiram que ele não faria os testes e as provas, com as seguintes justificativas:

- O estudante iniciou as aulas em março, enquanto o restante da turma, em fevereiro.
- Teve sete faltas e três dias de dispensa por licença médica da mediadora.
- Estava no início da aquisição da Libras, reconhecendo poucos sinais com compreensão do sentido.
- Esteve alguns anos afastado do Ensino Fundamental e, por isso, apresentava necessidade de ensino diferenciado,

sempre com apoio de fotos, figuras e vídeos simples na impossibilidade de uso de objetos reais, como no caso da aula sobre Dengue (vaso de planta, garrafas etc.).

- Demanda por vivenciar o conteúdo através de visita/passeio e dramatização.

Assim, optou-se por um relatório como instrumento de avaliação, bem como a participação do estudante na confecção de uma maquete.

Nas disciplinas de História e Geografia, o aluno assistiu com a turma a aulas sobre o bairro e as demandas eram localização do bairro de Laranjeiras (RJ) no mapa, localização do INES e noção de perto e longe. No entanto, o estudante demonstrou dificuldade de fazer leitura de mapas e de acompanhar uma aula expositiva em Libras devido ao seu pouco vocabulário e conhecimento de mundo. Assim, ele não compreendeu aquele conteúdo, pois desconhecia sinais como rua, supermercado, caminhão etc.

A mediadora percebeu a necessidade de um passeio pela Rua das Laranjeiras para observar pontos de referência: supermercados, bancos, drogarias; aprender os sinais desses estabelecimentos e vivenciar a noção de perto e longe. Em seguida, ele teve a oportunidade de materializar esse conteúdo através de uma maquete do bairro. A proposta era confeccionar com a turma, mas a professora regente alertou que não seria possível por falta de tempo, bem como por que a confecção da maquete em sala, enquanto a turma realizava outra atividade, poderia dispersar os demais alunos. Então, foi acordado que a mediadora o retiraria de sala apenas no horário em que a turma estivesse fazendo teste ou prova, já que ele não faria as avaliações do primeiro bimestre, e tentar mantê-lo a maior parte do tempo em sala com a turma e a regente.

Na caminhada feita com a turma, o foco para ele foi a ampliação de vocabulário e ele memorizou o sinal PRINCESA do supermercado de mesmo nome ao visualizar o símbolo da coroa. Não foi possível percorrer vários pontos da rua por causa do horário de retorno à escola. Então, a mediadora combinou com a mãe do rapaz de continuar a caminhada em outro dia. Fomos até o Instituto Nacional de Cardiologia, e a mediadora explicou: HOSPITAL CORAÇÃO. Relembramos o INES, o SUPERMERCADO e o BANCO. Entramos na

farmácia e quando questionei o que era, apontando para os remédios, ele sinalizou REMÉDIO. Ensinei o sinal FARMÁCIA. A mãe também não sabia os sinais. Ela foi orientada a mostrar no trajeto até sua casa outros hospitais, supermercados, bancos e farmácias para que o filho entendesse que não era um sinal específico para aquele local. Os demais pontos da maquete foram visualizados no Google Maps em um passeio virtual.

Durante a confecção da maquete, ele identificou a foto da fachada do INES e pintou a caixa que representava o prédio de amarelo, que é a cor real do edifício. Com a ajuda da mediadora visualizou a localização das demais fotos: supermercado, banco, túnel Santa Bárbara, drogaria etc. Posicionou os carrinhos na pista e experimentou o carrinho passando dentro do túnel da maquete. Utilizando bonecos de Lego®, fizemos seu trajeto diário do ponto de ônibus em frente ao clube do Fluminense até o INES.

Foi pedido à professora regente se o aluno poderia apresentar a maquete para a turma. Então, após a conclusão do trabalho, tentei ensaiar com ele uma apresentação. Na hora, os colegas queriam ver os detalhes da maquete e o estudante ficou envergonhado. Eles faziam perguntas e a mediadora recomendava que os questionamentos fossem direcionados ao aluno incluído. Ele lembrou de alguns sinais e a mediadora ajudou com outros. A apresentação foi breve em razão do início do recreio.



Figura 1 – Parte da maquete do bairro de Laranjeiras. A parte pintada de preto são as ruas asfaltadas e a parte cinza são as calçadas. O rolo de papel higiênico representa o Túnel Santa Bárbara.

Fonte: elaboração própria



Figura 2 – Outra metade da maquete construída com o estudante mediado. Parte marrom é a praça do Largo do Machado.
Fonte: elaboração própria

A maquete do bairro, produzida pelo aluno com a mediadora, ficou exposta na sala de aula e teve nova utilidade no bimestre seguinte, sendo consultada por toda a turma.

Durante as férias, o estudante levou tarefas adaptadas para casa e outras atividades, pois precisa da regularidade para manter o que foi ensinado na memória. Apresentei ao professor orientador do setor uma proposta de produção de vídeos ensinando Libras no dia a dia, como, por exemplo, com um personagem indo ao supermercado³ com sua lista de compras. Esse recurso é importante para aumentar o vocabulário do estudante, observar a organização do discurso em Libras, incentivar a aprendizagem pela repetição⁴ e possibilitar conhecimento pela família de que vocabulário está sendo trabalhado no momento. Na época, não foi possível gravar os vídeos, mas espera-se que sejam produzidos o quanto antes para beneficiar ele e outros alunos do setor.

³ Nesse caso, filmado no supermercado, já que o estudante precisa do contexto (cenário) e de objetos reais para compreensão total do texto. O personagem precisa ser fluente em Libras para servir de modelo linguístico.

⁴ Os vídeos em DVD devem ser presenteados aos alunos para assistir várias vezes em casa. Os DVDs do INES já produzidos são de grande interesse, mas não atendiam à faixa etária e às necessidades especiais deste estudante.

ADAPTAÇÃO DAS AVALIAÇÕES

No segundo bimestre, a mediadora acordou com a professora regente que o estudante mediado faria os testes e as provas adaptados. A regente enviou as avaliações da turma e a mediadora as adaptou com questões do conteúdo previsto nas apostas.

Como o estudante demonstrou saber diferenciar **HOMEM** de **MULHER** em fotos, a mediadora fez a aposta que ele perceberia que o artigo deve combinar com o substantivo, e ao produzir o teste adaptado eliminou apenas os substantivos que eram objetos, como caderno, por exemplo, já que fogem da lógica **HOMEM/MACHO** × **MULHER/FÊMEA**.

Durante a realização do teste de Língua Portuguesa, o aluno não reconheceu os nomes, nem o próprio escrito em letra de imprensa. Foi então oferecido o apoio visual do material que a mediadora enviou para casa com as fotos e os nomes, inclusive da professora regente. Dessa maneira, ele encontrou seu nome, ainda que estando com letras distintas (no material consultado está em caixa alta; e no teste, em letra de imprensa).

Esse evento trouxe algumas questões para serem trabalhadas junto com o professor orientador do SEF 1:

- Até que ponto a mediadora pode interferir em uma prova?
- Como ficará a nota dessa atividade?
- Que recursos podem ser oferecidos ao aluno em situação de inclusão durante a prova?

Foi acordado que ao aluno seria oferecida a mesma mediação que recebia no dia a dia, acrescida de uma nota de correção e um relatório bimestral esclarecendo todo o processo. O aluno pôde consultar e utilizar materiais durante a prova.

Na prova de Língua Portuguesa realizada pela turma, a primeira questão era interpretação de texto, a segunda exigia classificação morfológica e na quinta os alunos deveriam localizar o adjetivo na frase; as três foram ignoradas. A terceira, sobre artigos definidos; e a quarta, que tratava dos pronomes do caso reto, foram adaptadas, tendo como norte as apostas anteriormente mencionadas.

Uma vez que o aluno teve dificuldade no teste de Língua Portuguesa, a mediadora aceitou a sugestão do professor orientador

de, na adaptação da prova, na questão sobre artigo, eliminar também os substantivos que eram animais, fixando apenas sua utilização para **HOMEM** e **MULHER**. Na questão sobre os pronomes, deveria voltar a usar a foto do colega em vez do nome. Esse apoio na elaboração das adaptações e o aperfeiçoamento após a aplicação é indispensável para um bom trabalho de inclusão.

O mesmo ocorreu na adaptação da prova de Matemática. A atenta análise das dificuldades apresentadas pelo estudante durante os testes foi relevante na construção da prova adaptada. Uma das adaptações foi posicionar apenas duas sentenças matemáticas por página, ao perceber que o aluno mediado se perdia espacialmente no papel quando os exercícios estavam com a separação habitual. A mediadora criou uma questão que não havia na prova oficial sobre sequência dos dias das semanas, pois foi um conteúdo trabalhado com a turma no primeiro bimestre e era uma das apostas do aluno. O professor mediador só consegue refletir se a adaptação foi adequada ou não àquele determinado estudante após sua testagem. A forma de apresentação do exercício é muito importante para alunos incluídos, pode trazer como consequência o entendimento ou não da questão e elevar ou diminuir o grau de autonomia do mediado.

Na área das Ciências, a regente propôs um trabalho em dupla para a turma e o jovem fez com uma colega. A professora selecionou as duplas para que ninguém se sentisse rejeitado na escolha. O tema “Ser vivo e não vivo” também foi dado à dupla, já que era o único que contemplava a aposta do aluno mediado. A proposta era pesquisar em revistas figuras de seres vivos e de elementos não vivos. O jovem demonstrou dificuldade, mas junto com a colega conseguiu cumprir a tarefa. Antes da apresentação, treinamos os sinais das gravuras e o sinal de **VIVO**, mas no momento, a mediadora também levantou para dar suporte, pois ele se esquecia de apontar a figura, e com ajuda sinalizou **MULHER VIVA** e **BORBOLETA VIVA** para a turma.

Após os bons resultados do aluno nas avaliações adaptadas do 2º bimestre, repetiu-se o procedimento no 3º bimestre. A professora regente comentou que seria melhor aplicar a prova fora da sala, já que a mediadora sinalizaria e os outros alunos podiam aproveitar as dicas.

Concluída a prova, esta foi entregue à professora regente para correção. O ideal é filmar toda a prova, mas para isso precisaria

de uma filmadora com tripé. A prova adaptada foi corrigida pela professora regente, diferentemente do que ocorreu no 2º bimestre, em que a mediadora a corrigiu.

Infelizmente, no 3º bimestre, a turma teve poucas atividades em duplas ou em grupo. Aconselha-se fazer essas propostas todos os dias nas aulas para que o aluno mediado amplie a rede de aprendizado com os colegas, e não fique tão dependente do mediador ou do professor regente.

Comparando o primeiro e o último bimestres, houve evolução do estudante em todos os aspectos: cognitivos, sociais (comunicação, participação, interação, autonomia e relacionamentos) e na autoestima. Entretanto, temos de considerar que ele não cursou o 2º ano do Ensino Fundamental e precisará de mais tempo de ensino e fixação para suprir conteúdos básicos, como adição e subtração.

Os resultados apresentados pelo aluno incluído foram bons, mas precisam de continuidade para serem alcançados com eficiência. Após a análise dos conteúdos do 4º ano do Ensino Fundamental, concluí que, para que a professora regente do ano seguinte tivesse oportunidade de pensar em mais atividades nas quais o estudante pudesse participar dentro do planejamento da turma, a mediadora pudesse continuar desenvolvendo as apostas do ano anterior sem ficar totalmente à parte do que a turma está aprendendo e a avaliação do estudante preserve algum conteúdo que tenha sido exigido dos demais alunos, o estudante deveria refazer o 3º ano do Ensino Fundamental. A desvantagem seria o estudante frequentar uma turma de faixa etária muito menor que a dele.

O INES tem turmas de adultos no turno da noite para os anos iniciais do Ensino Fundamental, todavia esse horário é inadequado a estudantes que não trabalham, não transitam sem os responsáveis, moram longe ou em área de risco, que é o perfil deste aluno. A escola ainda precisa criar turmas próprias para jovens e adultos no turno da tarde fora do SEF 1, que é específico para crianças. Essa seria a melhor opção para o jovem acompanhado.

A decisão sobre a aprovação do estudante foi do conselho de classe. O estudante foi aprovado. Todos os exercícios, trabalhos, avaliações e relatórios do aluno foram reunidos em uma pasta portfólio para futura consulta dos próximos professores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em 2016 foi o primeiro ano de implementação de modelo com mediação nas turmas do SEF 1 do INES. A equipe de funcionários não sabia que papel desempenharia a professora mediadora. A cozinheira, por exemplo, pensou que eu fosse mãe do estudante. A maioria dos assistentes de alunos conhecidos em outras escolas, como inspetores, pensava não ter nenhuma responsabilidade sobre aquele aluno, uma vez que ele já tinha um adulto para assessorá-lo. Houve uma necessidade de adaptação de todos os integrantes do processo de inclusão do jovem mediado, que passou a ter uma acompanhante da entrada até o horário da saída. Os demais alunos também estranharam um adulto diferente que acompanhava a turma no refeitório, no recreio e em todas as aulas.

Eu mesma, como mediadora, precisei frequentar espaços antes não acessíveis e me adaptar à nova função no INES. Realizei meu trabalho dependendo da professora regente, visto que pedia para ela me avisar o que e como seria trabalhado determinado conteúdo com a turma para eu ter chance de trazer materiais e pensar em adaptações para o jovem na difícil missão de intervir sem estimular a dependência do estudante mediado.

Para uma educação inclusiva de fato o planejamento diário das aulas precisava ser feito em conjunto (professor regente e professora mediadora), porém, infelizmente, isso não se realizou por falta de compreensão, exigência da escola e tempo.

Acordos entre os professores regentes e o mediador são inevitáveis e particulares. Alguns professores não entendiam a demanda de nos passar antecipadamente o planejamento da aula e pediam para o mediador adaptar na hora. Isso dificultava e empobrecia nossa contribuição. O limite entre os papéis (professor regente e mediador escolar) é tênue e precisa ficar claro para todos. Questões como: Quem deve controlar a frequência do aluno mediado? Quem deve entrar em contato com o responsável para avisos da escola? Que profissional deve desenvolver as adaptações dos conteúdos e materiais? Quem deve ficar responsável pelo relatório bimestral do aluno? Nas últimas duas questões, a resposta deveria ser os dois, mas, na prática, o que acontecia era ficar a cargo da professora mediadora.

A decisão de definir as apostas para o estudante foi essencial, já que ele não acompanhava os objetivos da turma e, antes, a professora regente e a mediadora não sabiam como lidar com isso. Entretanto, após leituras e trocas com outras mediadoras, percebemos que o Plano Educacional Individual (PEI),⁵ que precisa ser construído no começo do ano para direcionar as práticas e avaliações dos professores e mediadores, é indispensável, mas não foi feito. Sem esse documento, os professores e o mediador escolar têm dificuldade para entender e garantir o direito desse aluno às suas necessidades específicas, em vez de ser ensinado e cobrado da mesma maneira que os colegas da turma, que não apresentam necessidades educacionais especiais.

O relato apresentado diz respeito ao primeiro ano do processo de inclusão no SEF 1 e sabemos como é desafiante iniciar algo inovador. Após essa experiência, em 2016, e a reivindicação da equipe de mediação, em 2017, aconteceram reuniões para a construção coletiva do PEI de cada aluno mediado.

A falta do cargo de *mediador escolar* destinado à inclusão impede a solicitação de concurso público. Por isso, os profissionais da educação em geral precisam lutar para que isso se torne realidade. A situação de mediadores contratados é indesejável, uma vez que eles só podem trabalhar por dois anos na instituição.

Atualmente, faço parte de um grupo coordenado pela Universidade Santa Úrsula (RJ) que pretende propor regulamentação para essa nova função.

⁵ Documento orientado pelo MEC e elaborado por todos os professores de aluno com necessidades educacionais especiais, junto ao mediador e à equipe pedagógica da escola, que prevê os objetivos para o aluno em várias áreas (acadêmica, social, linguística etc.) naquele período avaliado.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 7 jul. 2015.

DECLARAÇÃO DE SALAMANCA. 1994. Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais. Disponível em: <portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>. Acesso em: 16 ago. 2017.

MOUSINHO, R.; SCHMID, E.; MESQUITA, F.; PEREIRA J.; MENDES, L.; SHOLL, R.; NÓBREGA, V. Mediação escolar e inclusão: revisão, dicas e reflexões. *Revista Psicopedagogia*. n. 27, v. 82, p. 92-108, 2010.

